

25/8/56

## IMPrensa

NO momento em que escrevo a sede da «Tribuna da Imprensa» está ocupada pela Polícia Especial. Essa ocupação já dura algumas horas, e nenhuma explicação ainda foi dada. Os exemplares do jornal que ainda não haviam sido distribuídos ficaram presos.

Tive a sorte de comprar o jornal numa banca de Ipanema. A novidade que há nesse número é um manifesto de Carlos Lacerda ao povo brasileiro. Nesse manifesto ele diz mais ou menos, e no mesmo tom, o que tem dito em numerosos artigos. Discordo com excessiva frequência de Carlos Lacerda — não apenas de suas opiniões como de sua maneira de expô-las. Não vejo, entretanto, motivo algum que justifique a apreensão dos exemplares e a ocupação do jornal. Ela é tanto mais suspeita quanto foi feita no segundo aniversário do suicídio do sr. Getúlio Vargas; na véspera foram espalhados boletins no centro da cidade contendo elogios a uma figura do governo e concitando a população a atacar o jornal...

Creio que não vale a pena repetir que sou a favor da liberdade de imprensa — seja dessa «Tribuna da Imprensa», seja da «Imprensa Popular». Isso da Polícia Especial ocupar jornais é uma cena que não devia mais se repetir no Brasil. Repeti-la no dia 24 de agosto parece coisa feita de propósito por inimigos rancorosos do finado sr. Vargas, para nos lembrar os gostos do antigo ditador: escaravidão da imprensa e fastígio da Polícia Especial, por ele criada. «Homenagem» de muito mau gosto à memória do sr. Vargas. De quem terá sido a iniciativa? Não quero avançar suposições, e até este momento não tenho nenhuma notícia certa. Do sr. Juscelino é que não deve ser, porque ele não toma nenhuma iniciativa, nem para o bem nem para o mal; parece que há muito tempo já desistiu de governar, e tudo o que procura é continuar no governo.

Nisso está, exatamente, o mal deste governo: não tem uma cabeça. Não me falem do general Lott; ele é demasiado cru em coisas de governo e não é uma cabeça, é uma espada. (Breve passará a ser duas, quando o prefeito «puxa» de São Paulo lhe entregar a outra; com as duas mãos ocupadas não terá nenhuma para segurar a Constituição...). O Ministério é sabidamente, quase confessadamente, chinfrim. Parece, este governo, um desses times de futebol improvisados, sem capitão nem a menor idéia de jogo de conjunto, em que todo mundo corre atrás da bola e a bola dá em todos, e ninguém nela. De vez em quando um jogador tenta um «dribbling», uma escapada, um brilhareco qualquer, mas na hora de chutar é sempre a mesma coisa: ninguém tem chute. Dizem que lá dentro, no vestiário, há técnicos excelentes, cada um com sua «chave especial»; mas o que vemos cá fora é só «arranca-tôco» e «perna-de-pau». Chega a dar aflição.

O governo deve estar sentindo o mesmo mal-estar que nós, da platéia. E precisa descarregar sua raiva em alguém: por que não na imprensa? Será que «vai começar a ignorância»?

Não seria melhor que, em vez disso, esse pessoal começasse a jogar com a cabeça? Mas com que cabeça?